



Edístio Carlos Fernandes

Alegria e realização de ver a capital transferida para o centro do país

Arquivo pessoal



NA CIDADE LIVRE, EDÍSTIO AJUDOU A CONSTRUIR O PRIMEIRO TEMPLO BATISTA DA CIDADE, ONDE QUINTA E DOMINGO HAVIA CULTO E NOS OUTROS DIAS FUNCIONAVA UMA ESCOLA

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Mesmo trabalhando na Companhia Comercial de Automóveis em Goiânia, em meados da década de 50, Edístio Carlos Fernandes já estava de olho no que acontecia do lado de cá, no Distrito Federal. A agitação constante no comitê de Juscelino Kubitschek em frente à companhia, onde ele passava praticamente todos os dias, chamava a atenção do baiano. “Eu sempre ouvia comentários de que Juscelino queria transferir a capital para o Planalto”, conta Edístio. Um dia, quando chegou em casa para o almoço, a esposa, Guiomar, lhe recebeu com um sorriso no rosto, questionando sobre um avião que havia sobrevoado sua casa. “Você viu aquele avião? Dizem que era o avião de Juscelino que ia para o Planalto Central”, exclamou Guiomar. “Era a primeira vez que ele vinha para Brasília”, lembra o gerente da Comercial de Automóveis. O agito da campanha eleitoral e os rumores sobre a construção de uma capital bem no centro do país deixavam o pioneiro ainda mais ansioso.

Ao ver que Juscelino “tomava as primeiras providências para a construção de Brasília”, Edístio não quis saber de outra coisa, tratou logo de pedir demissão

da empresa em que trabalhava, tamanho era seu entusiasmo. Em setembro de 1956, o pioneiro foi apresentado ao presidente da Novacap, Ernesto Silva, num hotel de Goiânia. Depois de uma longa conversa sobre os planos para a construção da nova capital, veio o incentivo do amigo. “Edístio, eu fico muito feliz em saber que vocês vão levar uma transportadora para Brasília para nos ajudar.” O meio tempo entre o pedido de demissão e o encontro com Ernesto Silva foi suficiente para Edístio planejar a viagem. Ele fora convidado pelo proprietário da Transportadora Expresso Univero, de Goiânia, para ser o gerente da filial em Brasília.

Tudo certo, no dia 20 de outubro de 1956, muito antes da chegada da maioria dos pioneiros a esta região — ele e o colega Cacildo Bernardes dos Santos entraram numa caminhonete e vieram procurar um local para ins-

talar a empresa. A coragem e o gosto pelo desafio incentivavam ainda mais os desbravadores a se aventurar pela mata densa do cerrado. O cenário, ele ainda guarda fresco na memória. “Depois de dormir na cidade de Luziânia, chegamos à região por volta das nove da manhã. Passamos por um riacho (o córrego Vicente Pires) e chegamos à altura do Catetinho. Ele estava com apenas dois terços concluídos. O aeroporto estava todo em construção. Lá, tinha umas escavações enormes, muito grandes e um amontoado de cascalho. De lá, passamos numa pinguela e fomos para o Hotel Pannago, onde almoçamos e passamos a tarde descansando”, descreve.

A procura pelo local

O descampado e a solidão do local impressionaram o baiano. “Não havia ninguém para dar informação. Descemos e anda-

mos em volta do hotel, mas não aparecia ninguém para nos informar nada.” Depois de um giro pelo local, foram para o acampamento da Novacap, onde desceram os materiais e resolveram iniciar a obra ali mesmo. “Colocamos o material no chão ao lado dos barracos. No local havia uma infinidade de barracos de lona, onde ficavam os funcionários e operários da Novacap.” Só depois de muita dificuldade, Edístio conseguiu levantar o barracão de tábuas e lona. Chovia muito no local e as fundações se enchiam de água. A felicidade dos colegas durou pouco. “O Victor Pellechia (italiano proprietário de um restaurante da região) passou por lá um dia e ouviu um barulho estranho que vinha debaixo do piso. Nós levantamos as tábuas e tinha um olho-d’água no local. Aí fomos obrigados a sair de lá”.

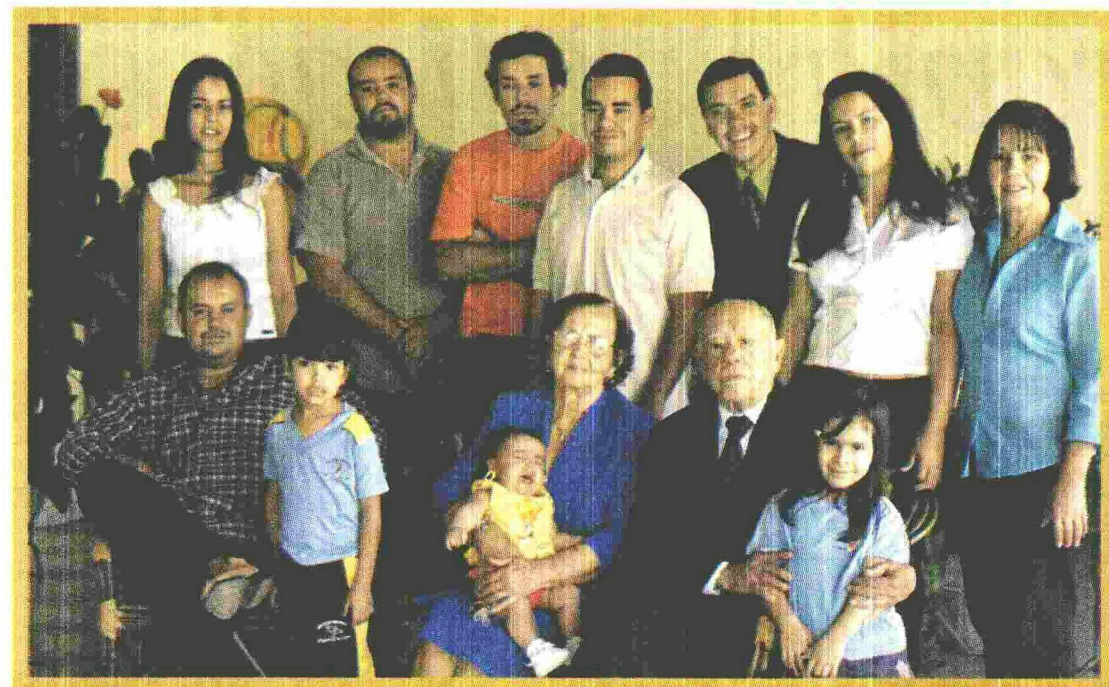
Depois de dois dias na região, Edístio resolveu voltar para

Goiânia. Em dezembro do mesmo ano, o pioneiro foi procurado pelo diretor da transportadora, que lhe deu uma boa notícia. Havia encontrado um local para instalação da empresa na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). No dia 18 de dezembro, o gerente da filial contratou três mestres de obras e, junto com o colega Cacildo, voltou para o Distrito Federal. A caminhonete seguia na dianteira. Atrás, os caminhões traziam os materiais para a construção do depósito da transportadora. O endereço da filial era o centro da Cidade Livre — na Avenida Central —, onde mais tarde se concentraria todo o comércio da região. O galpão da empresa, construído em madeira, tinha 15 x 20 metros de comprimento. Funcionando também como dormitório, tinha espaço suficiente para a visita de clientes e motoristas e para as camas, colchões e redes trazidas de Goiânia. “Ficamos morando lá no galpão uns oito a dez meses, depois o Bernardo Sayão me ofereceu um lote na Segunda Avenida, onde fiz uma residência”, conta. A esposa e os filhos, que haviam ficado em Goiânia, porque aqui ainda não havia escolas, só puderam se mudar para a cidade depois de construída a casa.

O trabalho estava a mil. Os pedidos de material e a urgência

O desafio e o gosto pela aventura fizeram com que o pioneiro rumasse para o local onde seria construída a nova capital, em 1956, a fim de gerenciar uma transportadora

“O TRABALHO AQUI ERA MUITO INTENSO. NINGUÉM DORMIA POR CAUSA DO BARULHO DOS CARROS E DA AGITAÇÃO. SÓ PARA TER UMA IDÉIA DE COMO ERA ISSO AQUI, A CIDADE LIVRE FOI CONSTRUÍDA MUITO RÁPIDO. EM MENOS DE SEIS MESES JÁ TINHA UMA FILA DE BARRACOS. ERAM AS PRIMEIRAS AVENIDAS”



EDÍSTIO COM A FAMÍLIA: PREOCUPAÇÃO COM O ENSINO DE RELIGIÃO

do outros pedidos e só chegou às 18h, quando então eu fui levar o material lá na obra. Ele e os operários já tinham se recolhido e ele me disse. ‘Isso são horas de me trazer o material?’ Eu propus a ele voltar no outro dia, mas ele preferiu acordar os colegas e receber a carga. Na hora ele ficou aborrecido comigo, mas depois ficamos muito amigos”, conta.

O ensino e a religião

A preocupação com a educação dos filhos e o evangelho vêm de berço. O pai de Edístio, Augusto Carlos Fernandes, era poliglota e professor de história do Ginásio Brasília, quando tinha 75 anos de idade. O filho tinha mesmo a quem puxar. Além da transportadora, Edístio ainda arrumava tempo para a construção da primeira igreja batista de Brasília e do primeiro templo batista da Cidade Livre, “um barraco de madeira no meio do cerrado”. Lá funcionava, às quintas e aos domingos, um culto e nos outros dias da semana uma escolinha. “O tempo não era nosso. Era do trabalho. Mas a gente tinha alegria em estar ali. Ninguém pensava no frio ou no sofrimento. Pensávamos em ver a cidade construída.” Com tanto trabalho não podia ser diferente. “O trabalho aqui era muito intenso.

Ninguém dormia por causa do barulho dos carros e da agitação. Só para ter uma idéia de como era isso aqui, a Cidade Livre foi construída muito rápido. Em menos de seis meses já tinha uma fila de barracos. Eram as primeiras avenidas.”

As dificuldades do início desafiavam os primeiros moradores, que buscavam nas costas as latas de água que iriam encher os tambores dos acampamentos. “Ih, quantas vezes eu saí de noite para desatolar caminhão nessas redondezas, num frio danado. Já dormi muitas vezes nas cabines e com fome”, desabafa. “Quando cheguei aqui nem luz tinha, a gente vivia sob a luz de vela”. As dificuldades só não eram maiores que o “ideal e a alegria de ver a capital transferida” para o centro do país.

Conhecido na região pelos inúmeros trabalhos, Edístio chegou até a entrar para a política. Antes da inauguração da cidade ele fora convidado para se candidatar a vereador da cidade de Luziânia. Eleito, de 1959 a 1963, o Cidadão Honorário de Brasília entrava para a Câmara Municipal com o respeito e a admiração dos moradores. Convidado para se candidatar à prefeitura de Luziânia, ele recusou. O motivo? “Eu teria que deixar

Brasília, por isso não aceitei.” O amor pela cidade falou mais alto.

Mas engana-se quem pensa que ele parou por aí. Após deixar o transporte, o membro do Clube dos Pioneiros foi admitido como corretor de imóveis da Novacap, no início da década de 60. “Eu ficava aborrecido quando chegava em São Paulo para vender os terrenos de Brasília, porque eles não acreditavam muito que isso aqui ia pra frente. Eles iam logo perguntando... Como é que está aquilo lá? Dizem que tem muito índio e onça na cidade... No Rio, não, o pessoal era mais simpático e acreditava mais na consolidação da nova capital.” Além de membro-fundador do Ginásio Brasília, no núcleo Bandeirante, Edístio também ajudou a fundar o Instituto Educacional de Brasília —, primeira escola particular da cidade e onde a esposa, Guiomar, lecionou.

A história de vida do pioneiro surpreende a todos. Casado há 63 anos com Guiomar, depois de dedicar anos ao ensino dos candangos e dos filhos, Edístio entrou para a faculdade, com mais de 50 anos. Hoje, o advogado formado pelo Ceub é um exemplo para as novas gerações.

Raio X

Nome: Edístio Carlos Fernandes
Idade: 90 anos
Origem: Barra, Bahia
Ano de chegada a Brasília: 1956
Profissão: Advogado (ele se formou aos 60 anos de idade)
Esposa: Guiomar Lopes Fernandes
Filhos: Marina, Mariluci e Antônio Augusto
Netos: Andréia, Ronaldo, Fernando, Ardison Filho, Aline, José Bonifácio e Rafael
Bisnetos: Yuli, Mariana e Ana Beatriz